

TEOLOGIA DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA II: DA ANÁFORA DE HIPÓLITO DE ROMA À ORAÇÃO EUCARÍSTICA II

(Theology of Eucharistic Prayer II: the Anaphora of Hippolytus of Rome the Eucharistic Prayer II)

Vanderson de Sousa Silva *

Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (PUCRJ)

Mestrando em Direito Canônico (PUG-Roma)

Mestrando em Educação (UFJF)

E-mail: semvanderson@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho monográfico busca pesquisar a teologia da Oração Eucarística II, em seus aspectos teológicos e históricos. Para tanto, buscou-se estudar a Anáfora Eucarística de Hipólito de Roma em sua obra – *Traditio Apostolica*, este é um texto patrístico do século III, onde se encontram alguns aspectos da Liturgia em Roma. Investigando o texto anafórico hipolitano constata-se que a Comissão responsável pela confecção das novas Preces Eucarísticas retoma o texto anafórico de Hipólito de Roma. Nosso artigo busca possibilitar o conhecimento deste dado em perspectiva de uma possível comparação com a Oração Eucarística II do Missal Romano de Paulo VI, esta Anáfora é de 1968, em vista de um ulterior trabalho de pesquisa. Nosso estudo conduz a perceber as interpolações entre a Anáfora de Hipólito e a Prece Eucarística II. Por fim, nosso estudo não vislumbra esgotar o tema abordado, mas possibilitar uma via de novos estudos acerca da Teologia Eucarística a partir da *lex orandi*.

Palavra-chaves: Teologia da Oração Eucarística, Anáfora de Hipólito de Roma, Oração Eucarística II.

ABSTRACT

This monograph seeks to investigate the theology of Eucharistic Prayer II, in its theological and historical. Therefore, we sought to study the Eucharistic Anaphora of Hippolytus of Rome in his work - *Traditio Apostolica*, this is a patristic text from the third century, where some aspects of the liturgy in Rome. Investigating the text anaphoric hipolitano appears that the Commission is responsible for designing the new Eucharistic Prayers anaphoric reproduces the text of Hippolytus of Rome. Our article seeks to enable this knowledge given in view of a possible comparison with the Eucharistic Prayer II of the Roman Missal of Paul VI, this is anaphora, 1968, in view of further research. Our study leads to realize the interpolations between the Anaphora of Hippolytus and Eucharistic Prayer II. Finally, our study does not see exhaust the subject matter, but allow an avenue for further research about the Eucharistic Theology from the *lex orandi*.

Keywords: Theology of the Eucharistic Prayer, Anaphora of Hippolytus of Rome, Eucharistic Prayer II.

INTRODUÇÃO

1. ORAÇÃO EUCARÍSTICA¹ - PRESSUPOSTOS

Recordando, pois, a memória da morte e ressurreição do vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação e vos agradecemos porque nos tornastes dignos de estar aqui na vossa presença e vos servir.²

Ser-nos-ia, imprescindível, perscrutar no início deste trabalho alguns pressupostos

acerca da natureza e finalidade da Oração Eucarística. Permitindo-nos uma aproximação das vicissitudes históricas do desenvolvimento da Anáfora Eucarística, destacando os seus aspectos gerais e a teologia doxo-trinitária das orações cristãs.

1.1. ORAÇÃO EUCARÍSTICA – NOTAS GERAIS

A Liturgia como *opus* crístico-pneumático e eclesial, realiza as palavras sálmicas: “Vinde, agora, bendizei ao Senhor Deus, vós todos, servidores do Senhor, que celebrais a liturgia no seu templo, nos átrios da casa do Senhor”³, de forma especial na celebração dos Sacramentos e da Liturgia das Horas⁴. Contudo, a Celebração da Eucaristia é epifania dos atos sacerdotais de Cristo, sendo toda a celebração uma oração, destaca-se da mesma, a Oração Eucarística, como expressão do louvor da Igreja ao Pai, pelo Filho no Espírito Santo. Para melhor adentrar-se nos pressupostos e vicissitudes da Oração Eucarística, pontuaremos alguns tópicos relevantes a uma melhor compreensão da mesma. Estes auxiliam-nos no processo de apreensão da teologia, história e incidências pastorais da Anáfora Eucarística e sua relação com a Teologia, Liturgia, Espiritualidade e a Pastoral.

Primeiramente, vislumbrar-se-á os vários termos lexicais utilizados para designar a Oração Eucarística na história, cada um destacando um aspecto do mistério celebrado, sem, contudo, exaurir o mesmo. No latim encontra-se a expressão - *oratio oblationis*, contudo, *illatio* seria o melhor sinônimo de *anaphorá*. Contudo, *illatio* é usada na liturgia hispânica, indicando somente o primeiro dos elementos que compõem a Oração Eucarística, o que corresponderia ao Prefácio no Rito Romano.

Os gregos usam a palavra - *anaphorá*, esta pode ser traduzida por: elevar, oferecer. No Sacramentário Gelasiano, encontra-se a expressão - *canon actionis*, que será abreviada por *canon*⁵: regra ou norma. Na tradição litúrgica romana, vai impondo-se o termo latino - *Prex*, visto que esta parte da liturgia configura-se como um verdadeiro elemento de prece de ação de graças, daí o termo comumente aceito de ‘Prece Eucarística’ ou ainda, ‘Oração Eucarística’.

Ser-nos-ia, necessário ainda, situar a Prece Eucarística dentro da celebração da Eucaristia. A teologia assevera que a Eucaristia é a celebração da obra salvífica de Deus Pai, pelo sacrifício de Cristo na cruz, contudo, esta celebração estende-se sacramentalmente a nós no *hodie* litúrgico pela ação eplético-pneumática da Igreja.⁶ A mesma, celebra a memória de seu Senhor na esperança escatológica. Escatologia, pneumatologia e Oração Eucarística estão intrinsecamente conectadas à doutrina cristológico-soteriológica da Redenção.

Portanto, de que maneira mais concreta é realizada este sacrifício que a Igreja deve oferecer? Ele acontece pelo fato de que a Igreja se une intimamente ao sacrifício de seu Senhor e Mestre, de tal maneira que o sacrifício dele se torna, ao mesmo tempo, o sacrifício dela. Portanto, antes de tudo torna-se na missa presente de modo misterioso o sacrifício de Cristo, o sacrifício único do Gólgota pelo qual ele redimiu o mundo. A unicidade do sacrifício de Cristo é, segundo a carta aos Hebreus, um fato intocável.⁷

A Eucaristia, enquanto celebração, festa, comensalidade, é-nos apresentada numa duplicidade de mesas, sem perder a unidade intrínseca entre ambas, as duas mesas são: da Palavra e do Corpo e Sangue do Senhor.⁸ A *Sacrosanctum Concilium* no n. 7, afirma

que Cristo “[...] está presente na sua palavra, pois é ele quem fala quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura”, contudo, Paulo VI em sua Encíclica *Mysterium Fidei* explicita o que o Concílio afirmou, corroborando que se trata de uma presença não virtual, mas verdadeira e real. Assim, a Liturgia da Palavra proclamada é presença real de Cristo.⁹

É banquete para os ‘iniciados’, após sermos lavados pelas águas batismais e ungidos com o santo óleo crismal, recebemos como alimento o Corpo e Sangue de Cristo.¹⁰ Esta estrutura da iniciação cristã: Batismo, Crisma e Eucaristia¹¹, sendo a Eucaristia o ápice da vida e do culto da Igreja (*opus operantis ecclesiae*).¹²

A Oração Eucarística não é somente oração, como a Liturgia das Horas e as mais variadas formas de piedade popular, nem simples ‘sacrifício de louvor’, ou ainda recordação de algo do passado, de fatos já acontecidos, mas a realização sacramental de um fato, a saber, o Mistério Pascal de Jesus. O texto anafórico é oração Pascal, pois, narra e atualiza o Mistério da morte e ressurreição de Jesus, conduzindo-nos pedagogicamente à mistagogia Pascal.

A oração Eucarística não é somente oração, simples “sacrifício de louvor”, mas é a realização de um fato: o sacrifício pascal de Jesus; as suas palavras não relembram somente algo do passado, mas cumpre um mistério no presente: a morte e ressurreição de Cristo, e, portanto exprime a mais elevada ação de graças e a súplica mais profunda ao Pai, por Cristo no Espírito.¹³

A teologia litúrgica corrobora o pensamento segundo o qual, a Prece Eucarística é o *opus laudativo-sacrifical*, que a Igreja celebra em honra do Deus Trinitário. Laudativo, enquanto o texto literário da Anáfora é expressão de louvor. Louvor a Deus pela sua ação salvadora em seu Filho. Este louvor do orante da Prece Eucarística brota do Espírito Santo, que epicleticamente amalgama o louvor no orante.¹⁴ Bem como, é sacrificial, verdadeiro ‘sacrifício’ de louvor; pois a teologia desde o tempo apostólico assevera uma identificação entre o sacrifício de Jesus na cruz e a celebração da Eucaristia.¹⁵ Portanto, a Oração Eucarística é o *opus* primordial da Igreja, verdadeiro serviço laudativo-sacrifical em honra do Deus Trinitário e em benefício dos homens.¹⁶

Fundamentalmente, a Anáfora é memorial, recordação dos benefícios realizados por Deus em favor do seu Novo Povo – a Igreja. A Prece Eucarística é essencialmente a *anamnese* da Páscoa de Jesus, consignada por escrito em um texto literário, este sacramentalmente conduz a assembléia orante ao Mistério celebrado. O único Mistério¹⁷ celebrado na liturgia é o mistério pascal-pentecostal, este núcleo mistérico, é-nos recordado no texto da Anáfora. O texto anafórico celebra a morte e ressurreição de Jesus, bem como sua íntima ligação com o Paráclito, portanto, o núcleo da Anáfora Eucarística é ser cristófora, ou seja, portar o Cristo pascalizado.¹⁸

A Prece Eucarística em seu desenvolvimento histórico assumiu os caracteres de uma cerimônia eclesial oficial, como corrobora Padoin¹⁹, contendo, duas partes: uma denominada *anamnese* e louvor, e outra parte que é a invocação, ou ainda epiclese. No núcleo da Anáfora, está o relato da ceia com os gestos e palavras que remontam a Jesus (a consagração). Este conjunto era intermediado por um diálogo introdutório entre o que preside e a assembléia, concluindo-se com o “amém” final. Seguido de uma prece epiclética como nos assegura Irineu: *Seguia-se uma série de invocações ao Espírito Santo para que o corpo do Senhor, corpo da Igreja e a libertação do mundo se tornassem realidade aqui e agora.*²⁰

Aquele que preside a celebração Eucarística proclama as *mirabilia Dei*, através de um texto literário riquíssimo de beleza estética e teológica, onde a assembléia congregada n'Ele e por Ele, ouve atentamente este 'relato de Salvação' que é a Anáfora Eucarística. Não ouve passivamente, mas interrompendo a proclamação da prece anafórica do presidente com exclamações ou aclamações, como na Igreja antiga, onde a assembléia possuída do Espírito Santo, irrompia com 'amém', que evoca o sentido de 'assim seja', 'eu creio', ou ainda 'que assim se faça'.²¹

O gênero literário da Prece Eucarística comporta uma pessoa que narre proclamativamente o texto anafórico, assim, é uma pessoa quem narra, quem anuncia, quem proclama a *Historia Salutis* realizada pelo Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em favor do Povo de Deus. Este - contador-Atualizador - da História do amor de Deus em favor de seu Povo, na prece eucarística, recordando-nos as funções: sacerdotais, proféticas e reais do povo de Israel, que em sua história com Javé, rememora ritualmente sua libertação no Êxodo egípcio e nos êxodos contingentes da história de Israel. Assim, o orante do texto anafórico, ritualmente, ou melhor, de forma litúrgico-sacramental, liga a assembléia hodierna com toda a história do Povo de Israel, numa clara releitura crístico-pneumática da mesma história, que continua no Novo Povo de Deus - a Igreja.

Destaca-se no texto da Anáfora, enquanto literatura, a referência constante aos textos da Sagrada Escritura. A Palavra de Deus é norma da *lex orandi*. A própria estrutura da Oração Eucarística leva em conta a História da Salvação, recorda-nos dos eventos fundantes da *historia salutis*, introduzindo na oração cristã a recordação da páscoa de Israel, como figura tipológica da Páscoa definitiva, na morte e ressurreição de Jesus.²²

A liturgia eucarística – memória do sacrifício de Cristo – é uma grande ação de graças pela criação, pela história da salvação, pela Páscoa redentora. Tudo isto – a História, desde a criação até o éscaton – não é apenas recordado, mas é recapitulado em toda a sua realidade. [...] Por força do poder salvador da Páscoa, Cristo Ressuscitado está presente no memorial da Igreja, a humanidade está inserida no evento último da história [...].²³

A Oração Eucarística recolhe em seu texto uma Tradição que se desenvolveu ao longo da história, a própria estrutura da Anáfora segue o esquema da Ceia de Jesus. Os textos Bíblicos que narram à instituição da Eucaristia são: Mt 26, 20-29; Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-20 e 1Cor 11, 23-26.²⁴ O relato expressa alguns termos importantes – 'tomou', 'deu graças', 'partiu' e 'distribuiu a seus discípulos'²⁵, estes são tomados pela Tradição para tornarem-se a própria estrutura da Oração Eucarística: 1) 'tomou': a apresentação das oblatas, 2) 'deu graças': a Oração Eucarística propriamente dita, 3) 'partiu': a fração do pão (enquanto canta-se o *Agnus Dei*²⁶), 4) 'distribuiu a seus discípulos': distribuição da comunhão Eucarística.

1.2. O 'MYSTERIUM TRINITATIS' NAS ORAÇÕES LITÚRGICAS

Desde que o Pai ressuscitou Jesus e ambos derramam seu Espírito comum, revela-se a nós mais profundamente o mistério trinitário, embora seja sua manifesta profundidade que nos abre a inabarcabilidade de Deus.²⁷

Ainda que ressoe-nos a frase de Hans Urs von Balthasar: [...] *embora seja sua manifesta profundidade que nos abre a inabarcabilidade de Deus*, recordando-nos da

apofaticidade do discurso acerca da Trindade, mostrar-se-á, neste item, uma introdução aos principais aspectos da teologia trinitário-litúrgica, para tanto, buscar-se-á, a explicitação estrutural e teológica de alguns textos litúrgico-eucológicos, vislumbrando nos mesmos, a origem preclara de uma teologia trinitária.

A teologia redescobriu no movimento litúrgico a estrutura fundamental da oração litúrgica, esta, ou é trinitária ou não será verdadeiramente cristã. Bem como, possibilitou à teologia trinitária, perceber-se na *lex orandi*, visto que, a *lex credendi*, possui sua fonte e ápice no ato celebrativo, não podemos separar o ‘ato de fé’ do ‘ato celebrativo’ e o ‘ato de viver’²⁸.

A oração litúrgica proposta pela Igreja aos fiéis cumpre uma dupla finalidade, a saber - de confiança e adoração a Deus. Estas fazem, com que a prece do orante, seja sempre dirigida ao Pai, pelo Filho, no Espírito Santo.

Peremptoriamente, observa dom Beauduin²⁹, que as formas litúrgicas ainda que cultuando, na forma de *dulia*, sejam os santos, a Virgem Maria e os anjos, a própria ‘forma’ da prece [...] *reconduz explicitamente todos estes louvores à glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo*.³⁰ Assim, Beauduin, assevera o fundamento teológico antiquíssimo – as orações litúrgicas possuem sua finalização no Pai, o Filho mediatiza sacerdotalmente este culto laudativo, ofertando-o ao seu Pai, no Espírito Santo.

Ainda que as tradições neotestamentárias não conheçam nenhuma formulação doutrinária da Trindade, no sentido de inter-relação e correlação entre o Pai, Filho e o Espírito Santo como pessoas divinas. A única perícope escriturística em que menciona o Pai, o Filho e o Espírito Santo lado a lado, é-nos transmitida na fórmula triádica batismal da perícope de Mateus 28, 19: *Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo [...]*³¹.

A Tradição conservou peças litúrgicas nas quais a fórmula trinitária aparece em símbolos e doxologias litúrgicas antigas, estas remontam ao período apostólico e patrístico. Destas peças trinitárias e litúrgicas conservadas destacam-se: o Símbolo Niceno-Constantinopolitano³²; Justino³³; Ireneu³⁴; Tertuliano³⁵; Hipólito de Roma³⁶.

O caminho catequético da Igreja primitiva perfazia um período denominado – catecumenato, no qual o ‘pagão’ ia sendo introduzido na pedagogia patrística, com acento bíblico-litúrgico-mistérico, também conhecido como mistagogia. Estas catequeses mistagógicas priorizavam o encontro pessoal do catecúmeno com a pessoa de Jesus de Nazaré. Destaca-se deste caminho catecumenal o credo batismal; este de caráter inteiramente trinitário é uma verdadeira profissão de fé trinitária, onde os mistérios da fé cristã eram apresentados ao catecúmeno por meio de ritos introdutórios à fé cristã. Exemplo destas catequeses batismal-trinitárias é a *Regula fidei* de Ireneu.

A estrutura trinitária das orações eclesiais pode ser também ressaltada nos textos anafóricos, estes seguem a estrutura doxo-trinitária: patrofinalizada, cristomediada e pneumato-amalgamada. Joaquim Cavalcante³⁷ assevera que a Igreja adora e vive do mistério da Trindade, o qual se manifesta de forma especial na celebração Eucarística. Assim, os textos eucológico-anafóricos manifestam a ação do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ainda mais, as anáforas são ‘trinitóforas’³⁸, ou seja ‘portam, comunicam, manifestam’ a *Tríades* do Deus Uno.

A *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma transmite-nos uma anáfora, conhecida como a Anáfora de Hipólito. No texto anafórico, Hipólito, expressa a trinitariedade das orações litúrgicas do cristianismo no século III. Ao concluir doxicamente sua anáfora exprime Hipólito: [...] *ut te laudemus et glorificemus per Puerum tuum Iesum Christum, per quem tibi gloria et honor Patri et Filio cum Sancto Spiritu, in sancta Ecclesia tua, et nunc et in saecula saeculorum. Amen*³⁹. Bem como uma estrutura interrogatória do credo batismal. Nela Hipólito, deixa-nos a resposta que o batizando deve responder com - Eu creio - a três perguntas:

Crês em Deus, o Pai, o Todo-Poderoso? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus, que nasceu do Espírito Santo da virgem Maria, que foi crucificado e morreu sob Pôncio Pilatos, e que, no terceiro dia, ressuscitou vivo dentre os mortos e subiu ao céu e assentou à direita do Pai, e virá julgar os vivos e os mortos? Crês no Espírito Santo, na santa Igreja e na ressurreição da carne?⁴⁰

Contudo, o desenvolvimento da teologia Trinitária, deve-se ao transcurso histórico das heresias dos cinco primeiros séculos, mais precisamente, o arianismo, subordinacionismo, monarquianismo modalista e macedonianismo.⁴¹ A Igreja dos primeiros séculos não possuía definições dogmáticas magisteriais acerca da teologia trinitária, esta 'gestação' do dogma ao longo do tempo, possibilitou equívocos por parte da formulação do ato de fé de muitos cristãos, este 'equívoco' denominou-se heresia, ou melhor, heterodoxia.

Ainda que a primitiva reflexão acerca do mistério trinitário tenha sido uma fé batismal, num contexto litúrgico-mistagógico, embebido da sacramentalidade dos ritos e símbolos e do alegorismo bíblico, caro ao período patrístico, foi impondo-se a tarefa de refletir com categorias da *ratio* humana, o mistério de Deus, correndo-se o risco de cair no triteísmo, radicalmente oposto à fé veterotestamentária e à revelada em Jesus no Novo Testamento.⁴²

Coloca-se, portanto, o grandioso desafio à Igreja nascente, refletir com categorias da razão, sem olvidar-se do *silentio obsequioso* à Revelação, 'dizer' o indizível do mistério trinitário. Tarefa esta que os santos padres não se furtaram, mas a colocaram como meio à evangelização.⁴³

Enquanto o subordinacionismo levanta o problema da - igualdade do status - de divindade do Filho e do Espírito Santo, em relação ao Pai, os principais representantes do monarquianismo modalista tentam preservar tanto a divindade do Filho e do Espírito Santo quanto à unidade de Deus.

Não olvidemo-nos, de que a liturgia, estrutura-se num movimento - anabático e catabático - de subida e descida. Dos homens (louvor, adoração, eucaristia) ao Pai, pelo Filho, no Espírito - subida. Bem como, num movimento descendente, do Pai (eleição-graça-salvação), pelo Filho, no Espírito, aos homens.

A estrutura anabático-catabática da liturgia corrobora-se pelo fato de que a relação do Deus Uno-trino, com a humanidade, exerce-se num movimento ininterrupto de constante *kenoses*.⁴⁴ O Pai - esvazia-se - de si para gerar eternamente seu amado Filho, este por sua vez, torna-se a imagem encarnada do 'empobrecimento', assumindo a condição humana, na carne, fazendo-se um 'ser-para'.

A imagem-esvaziada do Filho na Ceia-crucifixão-morte-descida aos infernos, encontra seu máximo despojamento no sopro de seu hálito-pneumático sobre a Igreja e o mundo. O Espírito Santo doado por Cristo, pode ser vislumbrado como o ícone vivo deste esvaziamento contínuo da Trindade, que não cessa de doar-se ao homem. O Espírito Santo é em sua essência epiclética, ou seja, é descida. É por obra do Espírito Santo, que a liturgia é a celebração no tempo e no espaço do *opus redemptionis*⁴⁵, ou seja, o plano histórico-salvífico realizado pelo Pai em Cristo, é atualizado sacramentalmente em cada ação litúrgica. Como tal, a liturgia é essencialmente epifania do Espírito de Cristo Ressuscitado.⁴⁶

Para uma melhor visualização da estrutura trinitária das orações litúrgico-eucológicas, observemos alguns textos litúrgico-eucológicos:

Concedei-nos, ó Deus todo-poderoso, iniciar com este dia de jejum o tempo da Quaresma, para que a penitência nos fortaleça no combate contra o espírito do mal. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.⁴⁷

Ouvi, ó Pai, as nossas preces para que, ao afirmarmos nossa fé na ressurreição do vosso Filho, se confirme também nossa esperança na ressurreição de vosso servo N. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.⁴⁸

Deus Pai de misericórdia, que pela morte e ressurreição do vosso Filho, enviou o Espírito Santo para a remissão dos pecados, te conceda pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz. *Eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*⁴⁹

Após, a observação destas orações litúrgicas, conclui-se que a liturgia cristã é *patrofinalizada, cristomediada e pneumato-amalgamada*. Respectivamente, estas querem expressar o seguinte conceito teológico: toda a oração se dirige ao Pai, enquanto princípio fontal e meta de todo o agir humano. É mediada pelo Cristo - Jesus é o Sumo e eterno sacerdote da Nova Aliança e o único mediador.⁵⁰ Assim, como é pela ação do Espírito Santo - pneuma, que se 'forma' a oração em nós, assim, como afirma Paulo - [...] *o próprio Espírito ora em nós com gemidos inefáveis.*⁵¹ *Tudo vem do Pai pelo Filho no Espírito; e tudo, no mesmo Espírito, pelo Filho ao Pai.*⁵²

A estrutura da oração litúrgica nos vários: *Ordos*, sacramentais e livros litúrgicos, segue sempre a doxologia Trinitária - ao Pai, pelo Filho no Espírito. Esta estrutura Trinitária é normativa e modelo para toda oração cristã, pode-se mesmo afirmar que a *lex orandi* e *lex credendi*, transbordam na moral de atitude cristã, pois a vida do cristão é relação com a Trindade - *lex vivendi*.

2. DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA ORAÇÃO EUCARÍSTICA II

A liturgia, portanto, transforma-se no momento síntese da história da salvação, porque engloba o anúncio e o acontecimento, isto é, o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Mas, ao mesmo tempo, é o momento último da história, que, sendo a continuação da realidade que é Cristo, cuja função é aperfeiçoar gradualmente em cada ser humano e na humanidade a imagem plena de Cristo.⁵³

Perfar-se-á, neste segundo capítulo, um percurso histórico, não obstante deveras as dificuldades inerentes à tarefa posta, analisar o desenvolvimento do texto anafórico. Para tanto, percorrer-se-á, desde a tradição judaica da ceia pascal do Êxodo Israelita, indagando-se acerca dos sentidos e dissensos da relação entre a ceia pascal e a Anáfora Eucarística. Bem como, de forma central, abordar-se-á a *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma; neste texto patrístico do século III, encontra-se a anáfora Eucarística da ordenação episcopal de Hipólito, entrever-se-á uma anáfora consignada por escrito, num período onde a *liberdade* na formulação da anáfora era possível, visto que, a autoridade eclesiástica não tinha delimitado um *canon* obrigatório.

Por fim, apresentar-se-á, a contribuição do Concílio Ecumênico Vaticano II, celebrado em Roma entre 1962-65, onde a Constituição sobre a liturgia – *Sacrosanctum Concilium* exerce forte influência na decisão da comissão de aplicação do Concílio de aumentar o número das orações eucarísticas.

2.1. ANÁFORA EUCARÍSTICA E A CEIA PASCAL JUDAICA

Para melhor traçar um desenvolvimento histórico da Oração Eucarística II, dever-se-ia analisar anteriormente a origem da Anáfora na tradição judaica. J. P. Audet, em seu artigo na *Revue Biblique*⁵⁴ afirma ser na tradição judaica o ‘lugar’ onde deveria situar-se a pesquisa sobre a gênese da Anáfora cristã.⁵⁵ Ainda, Jean Daniélou defende o caráter judaico das orações cristãs, sendo imprescindível a pesquisa dos gêneros literários das *beraká* judaicas para entendermos o gênero das orações litúrgicas do cristianismo⁵⁶.

No primeiro momento, a pesquisa acerca da origem da anáfora cristã identificava a mesma, com a oração de bênção, numa dependência literária. Com os estudos cada vez mais especializados, os liturgistas, verificaram que muito além desta dependência literária, havia a continuidade de: acentos e inspiração. A hipótese segundo a qual a forma original da celebração eucarística da Igreja primitiva deveria ser explicada a partir Ceia Pascal encontra defensores em Bickell e Thibaut⁵⁷, contudo esta dependência literária total encontra hoje rejeição por quase todos os especialistas em judaísmo, nos exegetas e liturgistas. Esta verificação foi possibilitada pela comum concepção – judaica e cristã - de que a Palavra de Deus é normativa da fé, oração e da práxis.

Se no primeiro momento, a pesquisa tende a explicar esta relação predominantemente em termos de dependência literária da prece eucarística diante da 'oração de bênção', que caracteriza de modo todo singular a tradição litúrgica hebraica inteira, as contribuições posteriores vão muito além disso: o acento é colocado principalmente sobre a continuidade de inspiração e de temas existentes nas duas tradições, continuidade que se tornou possível, em particular, devido à constante referência feita por ambas à Palavra de Deus [...].⁵⁸

A Ceia de Jesus está numa relação direta com a páscoa judaica, visto que, Jesus instituiu a Eucaristia durante a celebração anual da páscoa. A origem da Prece Eucarística deve ser procurada nos gestos e nas palavras que Jesus realizou na ‘última Ceia’, esta, nos foi transmitida nas narrativas Bíblicas, que se tornaram referência normativa e estrutural da própria Oração Eucarística.

No entanto, os liturgistas e exegetas, indagam acerca do ritual utilizado por Jesus. Teria

sido uma ceia festiva ou o ritual judaico da páscoa?

Ser-nos-ia imprescindível, analisar brevemente a última Ceia, em alguns aspectos importantes⁵⁹: As perícopes bíblicas que relatam a ‘última Ceia de Jesus’⁶⁰ no contexto da festa judaica da páscoa são: sinóticos – Mt 26, 2: *Sabeis que daqui a dois dias será a Páscoa [...]*; Mc 14, 1: *A Páscoa e os ázimos seriam dois dias depois [...]*; Lc 22, 1: *Aproximava-se a festa dos Ázimos, chamada Páscoa [...]*. Além do escrito joanino – Jo 12,1: *Seis dias antes da Páscoa [...]*.

Segundo o texto sinótico a ‘última Ceia’ – foi uma ceia pascal, enquanto, que para João (Jo 18, 28), a morte de Jesus seguiu-se a noite da páscoa hebraica. Pontos comuns: tratou-se de uma refeição, que seguia o ritual judaico de refeição, que como tal, tinha seu ocaso com uma oração de ‘ação de graças’. Esta, denominada de *birkat há mazon*⁶¹, que seria traduzido por - a benção (de Deus) para o alimento (que foi tomado) -, esta ação de graças nunca podia faltar. Assim, se expressa a IGMR⁶², no n. 72, indo bem de encontro com a tradição judaica de ação de graças pelas *mirabilia Dei*: “Na Oração Eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo”. Contudo, corre-se o risco de se olvidar que há algo de específico na Oração Eucarística em relação ao *birkat há mazon*: a liturgia cristã, integrou, aperfeiçoou e enriqueceu-as. Dando um novo sentido, ou melhor, um sentido doxo-trinitário e escatológico à Anáfora Eucarística.

A tradição judaica peremptoriamente afirmava que um judeu não poderia comer, ainda que privativamente, sem, contudo realizar o ritual de *berakah*, este consistia em ‘agradecimentos em forma de bênçãos’ sobre os alimentos, especialmente o pão abençoado pelo pai de família, ou ainda por aquele que presidia a mesa, no início da refeição, dispensava a benção em cada alimento consumido depois com o pão. Numa refeição de cerimonia a mesma terminava com benção da taça, que era passada de mão em mão, realçando ainda mais o caráter comunitário da *berakah*⁶³.

O grande exegeta, Joachim Jeremias, em sua obra - Os ditos da última ceia⁶⁴, chegou à conclusão que foi verdadeiramente uma ceia pascal judaica o que Jesus realizou com os seus discípulos. Assim, fica respondida a indagação proposta acerca de que ‘ritual’ Jesus havia utilizado na Ceia. Bem como o grande liturgista, Dom Abade Salvatore Marsili, diz:

A Última Ceia de Cristo foi certamente uma ceia pascal judaica, tenha ela sido realizada no dia da Páscoa, no dia anterior (Quinta-feira Santa) ou três dias antes (terça-feira Santa). Que Cristo não tenha celebrado no dia oficialmente fixado é certo, já que ele morreu na cruz precisamente enquanto os judeus sacrificavam a Páscoa.⁶⁵

O estudo da liturgia judaica e sua influência, na construção da liturgia cristã, podem auxiliar-nos no intuito de compreender as origens do culto cristão, seja nas raízes veterotestamentárias como na ação cültica dos povos da antiguidade. Esta visa não é um arqueologismo litúrgico, mas antes a melhor vivência de nossa prática litúrgica. Assim, o estudo da relação entre a ceia judaica e liturgia cristã, pode-se perceber a não dependência cristã em relação à outra, mas um novo sentido e agregação de novos elementos. Portanto, exclui-se qualquer tentativa de afirmar a total dependência cültica e literária da liturgia cristã em relação ao culto judaico.

2.2. A TRADITIO APOSTOLICA DE HIPÓLITO DE ROMA

Concluída a análise da relação entre a Anáfora e a liturgia judaica da páscoa tratar-se-á da temática da relação entre a *Traditio Apostolica* de Hipólito e a Prece Eucarística II, para tanto, será necessário um estudo dos principais temas tratados pela *Traditio Apostolica*, ainda que não pretendamos apresentar todos os aspectos da obra de Hipólito⁶⁶, mas nossa análise limitar-se-á ao texto anafórico contido na *Traditio Apostolica*.

Hipólito de Roma⁶⁷ e sua obra *Traditio Apostolica* são um grande contributo para a compreensão da liturgia nos três primeiros séculos do cristianismo, especificamente em Roma. Outro dado importante é a motivação pela qual Hipólito a escreve – o desejo de contrapor às ‘novidades’ que se introduzem na liturgia, e estas novidades não estariam na ‘tradição apostólica’, segundo Hipólito de Roma.

A estrutura da *Traditio Apostolica* de Hipólito pode ser apresentada em três partes principais: a primeira contém um prólogo, cânones para a eleição e consagração de um bispo, e a oração de sua consagração, a anáfora que segue a esta cerimônia e as bênçãos do azeite, queijo e azeitonas. Segue as normas e orações para a ordenação sacerdotal e diaconal; finalmente fala-se sobre os confessores, leitores, viúvas, virgens, subdiáconos e dos que possuem o dom da cura. A segunda parte contém normas para os leigos, há legislação sobre os neófitos, sobre as artes e profissões proibidas, bem como do catecumenato, dos sacramentos de iniciação cristã – batismo, confirmação e, por fim, a eucaristia. A última parte da *Traditio Apostolica* traz a descrição da liturgia Eucarística dominical, regula o jejum em vista do ágape, a celebração do lucernário, recomenda-se a melhor hora de rezar, a comunhão diária em casa e o cuidado no trato com a Eucaristia.⁶⁸

Dedicando-se à leitura e estudo da *Traditio Apostolica*, poderemos reconstruir aspectos da história da liturgia em Roma nos primeiros séculos depois de Cristo. Destacam-se os seguintes pontos, a Eucarística, segundo Hipólito, era celebrada em três momentos, a saber: 1) Após a celebração do batismo, o n. 21 da *Traditio*, diz: [...] a oblação será apresentada ao bispo e ele renderá graças sobre o pão para que se transforme no Corpo de Cristo, e sobre o cálice para que se transforme no seu Sangue [...].⁶⁹ 2) Na celebração dominical (cap. 22); 3) Na celebração na qual o bispo é consagrado (cap. 4)⁷⁰.

Hipólito deixa consignado na *Traditio Apostolica*, também o modo como a Igreja primitiva realizava a sucessão apostólica, não se olvide que o objetivo desta obra hipolitana é guardar a Tradição Apostólica, contra a heterodoxia. Assim, Hipólito busca afirmar o modo tradicional de eleger um bispo, assim afirma Quasten:

Según Hipólito, la consagración del obispo se celebra el domingo. El candidato ha sido elegido antes por todo el Pueblo, y de la manera lo más pública posible. Deben asistir los obispos vecinos. El presbiterio está presente juntamente con toda la comunidad. Los obispos imponen las manos sobre el elegido, mientras los presbíteros están de pie em silencio. Todos deben guardar silencio u orar para que descienda el Espíritu Santo. Luego un obispo impone la mano y disse [...] Em esta oración se recalcan la sucesión apostólica y el poder de perdonar los pecados.⁷¹

Destas informações, Hipólito nos acrescenta outras, muito importantes. No que concerne ao tema da Prece Eucarística, destaca-se: a Anáfora de Hipólito é precedida da apresentação das ofertas e do ósculo da paz. No século II/III iniciava a Anáfora com um diálogo, mantido hodiernamente na estrutura das Orações Eucarísticas. Hipólito descreve o diálogo estabelecido entre o bispo e a assembleia na celebração: no início (do prefácio) estabelece-se o diálogo: *Dominus vobiscum [...] sursum corda [...] gratias agamus Domino.*⁷²

O aspecto de maior relevância ao tema estudado é que Hipólito de Roma, nos deixa conhecer uma Oração Eucarística completa do século II-III. No entanto, Hipólito, deixa claro alguns pontos: primeiramente a não obrigatoriedade em seguir a fórmula de sua Anáfora, deixando margem para a liberdade na ‘criação’ da Prece Eucarística. Outro ponto, é que esta liberdade, comportava um - núcleo - da Tradição que não poderia ser esquecido, correndo o risco de não estar na ‘tradição apostólica’.

Nos primeiros séculos do cristianismo, não existia um texto rigorosamente determinado em forma escrita⁷³. A Oração Eucarística era manifestada com liberdade, sem que com isso, não permanecesse fiel a alguns elementos tradicionais.⁷⁴ Somente a partir da metade do século IV, que se desenvolvem os - formulários eucarísticos -, coincidindo com o período do apogeu da Patrística, até a metade do século VI.⁷⁵

A improvisação na recitação da anáfora na celebração da Eucaristia no período apostólico e nos primeiros séculos da patrística era comum. Justino atesta esta prática litúrgica da espontaneidade e a não fixação de um texto eucarístico a ser recitado pelo presidente, quando diz que o bispo “[...] segundo suas forças faz subir a Deus suas preces e ações de graças (eucaristia)”.

A Anáfora contida na *Traditio Apostolica* de Hipólito, sem ser uma fórmula obrigatória, nem norma para a recitação exata do texto, não se olvida do fato, de que, a Prece de Hipólito, constitui uma fórmula que exprime a teologia litúrgica e a estrutura geral de uma Oração Eucarística das origens do cristianismo.⁷⁶

Ainda que não fosse obrigatória a recitação da Anáfora, Hipólito assegura a possibilidade de recitar uma prece segundo uma fórmula rígida, contudo, condiciona a espontaneidade á ortodoxia da fé, quando diz:

Que o bispo dê graças segundo o que nós temos dito mais acima. Porém, não é absolutamente necessário que pronuncie as mesmas palavras que antes demos, como se tivesse que dizê-las de memória em sua ação de graças a Deus; que cada qual ore segundo suas forças. Se és capaz de recitar convenientemente segundo uma fórmula fixa, que nada o impeça, contudo, que sua prece seja correta e conforme a ortodoxia.

Padoin corrobora a tese segundo a qual, a Igreja primitiva foi em suas diversas comunidades eclesiais, formulando modelos próprios da oração eucarística, contudo, um núcleo os era comum, como diz: [...] *embora todas elas se encaixem num esquema de fundamental unidade*⁷⁷. Esta unidade, mormente era garantida pelos modelos escriturísticos dos relatos da instituição da Eucaristia, sejam os textos sinóticos, bem como, a primeira carta aos Coríntios de Paulo. Sem, contudo, olvidarmo-nos da existência de textos anafóricos como o de Hipólito e outros, que serviam de modelo para novos textos e a improvisação, estes fatores contribuíam para esta fundamental

unidade.

2.3. O CONCÍLIO VATICANO II E AS NOVAS PRECES EU-CARÍSTICAS

A renovação litúrgica no século XX foi inaugurada pela obra profética de dom Lambert Beauduin e de Dom Odo Casel, na Abadia beneditina de Maria-Laach e de Pius Parsch na Alemanha e na Áustria, estes contribuíram para a compreensão da teologia litúrgica, com seus estudos patrísticos e pelo movimento de renovação Bíblica.⁷⁸ Bem como, a Encíclica de Pio XII, *Mediator Dei* de 1947, este documento pontifício foi decisivo para o movimento de renovação litúrgico, já que estabelece alguns conceitos e reconhece a legitimidade do trabalho dos liturgistas do Movimento Litúrgico. Pio XII introduziu reformas parciais na liturgia, principalmente no que tange à Semana Santa, João XXIII leva a renovação até o Concílio Vaticano II.⁷⁹

Tendo como fundamento o anterior trabalho do Movimento Litúrgico o Concílio Ecumênico Vaticano II foi celebrado entre 1962-65, na Constituição Dogmática sobre a Liturgia – *Sacrosanctum Concilium*⁸⁰, apesar de não tratar diretamente do Cânon, no nº 54, exprime a não considerar o Cânon Romano como parte fixa da missa, para a qual, se possa prever a utilização do vernáculo.

A reforma da liturgia principalmente no que tange ao uso do vernáculo, conduziu e suscitou de forma explícita o problema pastoral do Cânon. Ainda que no texto antigo e solene do Cânon Romano existisse uma sólida e rica doutrina, bem como linhas de pensamento espiritual bastante fecundas no que se refere à inserção da apostolicidade e da *martyria*, ao citar o nome dos apóstolos e mártires no texto anafórico: [...] e os santos apóstolos e mártires: Pedro e Paulo, André, Tiago e João, Tomé, Tiago e Filipe, Bartolomeu [...] Lino, Cleto, Clemente, Sisto, Cornélio e Cipriano, Lourenço [...]. Continua a Anáfora a orar pedindo o convívio e o auxílio dos apóstolos e mártires: João Batista e Estevão [...] Inácio, Alexandre, Marcelino e Pedro; Felicidade e Perpétua, Águeda e Luzia, Inês, Cecília, Anastácia [...]. Manifesta-se de modo cada vez mais evidente que o Cânon Romano não possuía as características de linearidade e de clareza que facilitassem a ativa participação e consciente da assembléia.

No entanto, os anos seguintes, foram de debates vigorosos entre liturgistas, dogmáticos e pastoralistas, acerca do Cânon Romano. Alguns peritos em ciência litúrgica, contudo expressaram-se contra a opinião de não poucos em alterar o texto do Cânon Romano⁸¹. Vigorou nos anos decorrentes ao Concílio uma hermenêutica da descontinuidade⁸², assim, queriam muitos especialistas que o Cânon Romano fosse alterado, adaptado e alguns desejavam uma mudança tamanha que desfigurava o texto anafórico do Cânon.

Quando o problema foi proposto (a alteração do Cânon Romano) publicamente, prevaleceu a opinião de quem desaconselhava o retoque, ainda que consistente, de texto tão venerando e sugeria, de preferência, a abertura à possibilidade de se terem novas preces eucarísticas, que seriam colocadas ao lado do Cânon Romano.⁸³

Deste debate, aparecem contribuições por parte do Magistério da Igreja na normatização do Culto Divino e na disciplina dos Sacramentos, destas contribuições, destaca-se no tocante à Anáfora, três novos textos eucológico-mistagógicos. O magistério avaliou que

o venerável texto anafórico do Cânon Romano, não seria alterado, contudo, seriam produzidos novos textos de Prece Eucarística. Assim, surgem as Orações Eucarísticas: o texto anafórico do Cânon Romano, permanece no Missal com a nomenclatura de Oração Eucarística I; na composição da II Prece Eucarística buscou-se inspiração na Anáfora hipolitana da *Traditio Apostolica*; já a III Oração Eucarística é de inspiração galicana e moçarábica; a IV Oração Eucarística é de inspiração siríaca e por fim, no Brasil há a V Oração Eucarística confeccionada para o Congresso Eucarístico de Manaus com aprovação da Santa Sé Apostólica.

Estas três novas Orações Eucarísticas (II, III e IV) entraram no uso litúrgico a partir de 1968. Louis Bouyer descreve as características principais das três novas Preces Eucarísticas ao dizer:

Il primo (II Prece Eucarística) utilizza in massima parte l'eucaristia dela Tradizione Apostolica. Il segundo (III Prece) adotta lo svolgimento e alcune dela formule più felici dela tradizione gallicana e mozarabica. Il terzo (IV Prece) si ispira direttamente ai grandi formulari siriaci, particolarmente a quelli del libro VIII dele Costituzioni apostoliche, di san Giacamo e di san Basilio.⁸⁴

No entanto, a decisão por parte do magistério de promulgar novas Preces Eucarísticas não foi primordialmente para solucionar o chamado – problema pastoral do Cânon, mas antes para explicitar a tradição antiga de vários formulários de textos anafóricos e principalmente possibilitar um mais rico comentário e articulação com o Mistério Pascal.

A IGMR, nos n. 54-55, descreve que a anáfora constitui-se essencialmente como uma oração de ação de graças e de santificação, na qual a assembléia em torno do altar exalta as obras de Deus, sendo que os elementos principais das novas Preces Eucarísticas são: a Ação de Graças introdutória, a aclamação do *Sanctus*, a epíclese de consagração e eclesial-congregacional, o relato da instituição, a anamneses, a afeta, as intercessões e por fim, a doxologia final.

Assim, a Igreja reuniu nas novas Orações Eucarísticas o que de melhor foi produzido no Oriente e no Ocidente em relação a textos anafóricos, ainda que se inspirasse nestes. Portanto, poder-se-ia afirmar com Brovelli, que [...] *como fontes das três novas preces eucarísticas, se tomam primordialmente a tradição Romana (prece II), a galicana e hispânica (prece III), a oriental (prece VI).*⁸⁵

Para melhor compreender as novas Anáforas Eucarísticas do *Missale Romanum*, apresentar-se-á as mesmas de modo lacônico as principais características, exceto a II Prece, pois a esta dedicar-se-á uma parte deste texto monográfico.

A Prece Eucarística III, como bem afirma Joubel em sua obra - *La composition des nouvelles prières eucharistique*, é inteiramente nutrida de cultura bíblica e patrística, como ainda de reminiscências de diversas liturgias, porém igualmente aberto às preocupações a linguagem da Igreja do nosso tempo. De caráter trinitário, o valor soteriológico do memorial do sacrifício de Cristo, quando diz o texto anafórico: “E agora, nós vos suplicamos, ó Pai, que este sacrifício da nossa reconciliação estenda a paz e a salvação ao mundo inteiro”, o universalismo das intercessões: pelos fiéis defuntos - *Acolhei com bondade no vosso reino os nossos irmãos que partiram desta*

vida e todos os que morreram na vossa amizade. [...]. Em suma, a III Oração Eucarística apresenta uma teologia do sacrifício único de Cristo, este redime do mundo reconciliando-o com Deus.

A analogia existente entre a III Prece Eucarística e as anáforas orientais é clara, ainda mais a de Basílio. Segundo Franco Brovelli, o que melhor caracteriza a teologia da III Prece é o caráter histórico-salvífico da mesma, principalmente o pano de fundo do esquema trinitário, de universalismo expresso na abertura do [...] *reino, onde, com todas as criaturas, libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, Senhor nosso.*⁸⁶ O esquema da III Prece pode ser descrito assim, primeiro anamnese da criação, recordação da desobediência e a origem do pecado, alianças, envio dos profetas, Cristo encarnado - [...] *enviastes vosso próprio Filho para ser nosso salvador*, Mistério Pascal-pentecostal – a morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo.

Brovelli, afirma que as três novas Orações Eucarísticas possuem como características comuns: a estrutura mais unitária, uma linguagem clara, a dupla epíclese, a aclamação da assembléia depois a consagração⁸⁷, as intercessões antes da doxologia.

Em novembro de 1974, a Congregação para o Culto divino interveio apresentando outras Preces Eucarísticas, três Anáforas que deveriam ser utilizadas para a missa com crianças e mais duas Preces com a temática da Reconciliação para serem utilizadas por ocasião do Ano Santo de 1975, bem como em outras circunstâncias.

A Anáfora de Hipólito, após sua difusão no Alto Egito, passando para a Etiópia, ficou consagrado seu uso na antiguidade, na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, mais especificamente em 1968, ela foi adaptada e incluída como parte do Missal Romano – a conhecida Oração Eucarística II. Como corrobora Padoin: “Na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II ela foi adaptada e incluída no Cânon II do Missal Romano”.⁸⁸

Nos últimos tempos, em decorrência do movimento litúrgico e seus frutos no Concílio Vaticano II, bem como a redescoberta de uma teologia litúrgica, vem despertando muitos estudos acerca da teologia das orações litúrgicas destaca-se a relação da Anáfora, transmitida por Hipólito e a II Oração Eucarística.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Santo Ireneu no *Ad. Haer.* IV 20,7 afirma que *A glória de Deus é o Homem vivo; porém, a vida do Homem significa olhar a Deus*, neste aforisma patrístico esconde uma realidade não vista a primeira leitura, contudo, Ireneu quer afirmar que a verdadeira adoração de Deus é o homem inteiro na sua maneira de viver corretamente, mas a vida deste homem só será correta e verdadeira se este olhar para Deus. Diz Ratzinger em sua obra – *Introdução ao espírito da Liturgia* – que o culto (liturgia) serve para a transmissão desse olhar, concedendo assim uma vida que honre a Deus. O nosso olhar á Deus é educado pela Liturgia, pense-se no convite do início da Oração Eucarística *corações ao alto* e a resposta da Assembléia, *Nosso coração está em Deus*, poder-se-ia alterar a frase, mas o sentido seria o mesmo dizendo: *Olhares ao alto* e a resposta, *Nosso olhar está em Deus*. Uma antiga exclamação de oração no limiar da Eucaristia: *Conversi ad Dominum* – voltai-vos para o Senhor, pedagogicamente a exclamação invita-nos a

olharmos juntos para Aquele cuja morte contemplamos na Celebração da Eucaristia.

Este trabalho monográfico quis ser este *Conversi ad Dominum* – voltar-se para o Senhor através da Anáfora Eucarística, buscando na mesma os sinais do Senhor, pode-se concluir que a Anáfora de Hipólito de Roma influenciou profundamente a construção da Oração Eucarística II do Missal de Paulo VI. Contudo, a principal descoberta desta monografia foi compreender a Prece Eucarística como sendo cristo-pneumatófora, ou seja, o texto anafórico porta o ícone do Cristo e do Espírito, educando nosso ‘olhar’ para o Pai.

Destaca-se deste estudo monográfico a compreensão da Oração Eucarística como construção histórica e eclesial; sua teologia rica em fontes Escriturísticas, nos Santos Padres e no Magistério Eclesial. Bem como as possibilidades pastorais de perceber a Prece Eucarística como *locus* de formação da comunidade cristã, no seu desdobramento no Ano Litúrgico.

Pode-se ainda afirmar que a Prece Eucarística de Hipólito de Roma assenta-se sobre uma sólida teologia e sua estrutura pode ser apresentada assim: a Oração Eucarística é precedida da apresentação das ofertas e do ósculo da paz, inicia-se com o diálogo, segue-se a ação de graças ao Pai, feito através de seu Filho – o encarnado e enviado ao mundo. Segue-se o relato da instituição, ainda vem a *anamnese* da Páscoa – morte e ressurreição, por fim uma epíclese sobre a oferta da Igreja e implicitamente sobre a Igreja, pedindo unidade, concluindo-se com a doxologia de caráter eminentemente trinitário, comum nas orações litúrgicas. A Anáfora de Hipólito, após sua difusão no Alto Egito, passando para a Etiópia, ficou consagrado o seu uso na antiguidade, na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, mais especificamente em 1968, ela foi adaptada e incluída como parte do Missal Romano – a conhecida Oração Eucarística II. Na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II ela foi adaptada e incluída no Cânon II do Missal Romano.

BIBLIOGRAFIA

- AUDET, J. -P, Esquisse historique du genre littéraire de la “bénédition” juive et de l'eucharistie chrétienne. In: **Revue Biblique**, n. 65, 1958.
- AUGÉ, Matias. **Liturgia** – história, celebração, teologia e espiritualidade. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 1996.
- BALTHASAR, Hans Urs von. El misterio pascual. In: **Mysterium Salutis**. Fundamentos de la dogmática como historia de la salvación 3/1. Madrid, 1969.
- BASÍLIO. **El Espíritu Santo**. Madrid: Editorial Ciudad Nueva, 1996.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Novas mudanças na Missa**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- _____. **O sentido da Liturgia das Horas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- BERGAMINI, Augusto. **Cristo, festa da Igreja**. O Ano Litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BIANCO, M. G.. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BOUYER, L. **Eucaristia**. Teologia e spiritualità della preghiera eucarística. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1983.

- CIPRIANO. **La Oracion del Señor**. Buenos Aires: Curso de Criatura Católica, 1940.
- DANIÉLOU, Jean. **Théologie du judéo-Christianisme**. Paris: [?], 1958.
- FLORES, Juan Javier. **Introdução à Teologia Litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GUARDINI, Romano. Lettre sur le mouvement liturgique. In: **La Maison-Dieu III**. Paris: [?], 1945.
- HILÁRIO de Poitiers. **Tratado sobre a Santíssima Trindade**. São Paulo: Paulus, 2005.
- HIPÓLITO. **Tradição Apostólica de Hipólito de Roma: liturgia e catequese em Roma no século II**.
- JEREMIAS, Joachim. Os ditos da última ceia. In: **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004.
- JUNGMANN, J. A. **Missarum Sollemnia**. São Paulo: Paulus, 2009.
- _____. Pastore e storia della liturgia. In: **Eredità litúrgica e attualità pastorale**. Edizioni Paoline, 1962.
- LADARIA, Luis Francisco. **O Deus vivo e verdadeiro**. O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.
- MARSILI, Salvatore. **A liturgia: momento histórico da salvação**. São Paulo: Paulus, 1986.
- _____. **Sinais do Mistério de Cristo**. Teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MARTIMORT, A. G. **A Igreja em oração: Introdução à Liturgia**. Singeverga: Desclée e cia, 1965.
- MARTÍN, Julián López. **A Liturgia da Igreja**. Teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MAZZA, E. **La mistagogia**. Uma teologia dela liturgia in época patrística. Roma: Edizioni Liturgiche, 1988.
- MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática**. Teoría y práctica de la teologia. Barcelona: Herder, 1997.
- PADOIN, Giacinto. **O pão que eu darei**. O sacramento da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1999.
- QUASTEN, Johannes. **Patrologia I**. Hasta el concílio de Nicea. Madrid: Biblioteca dos Autores Cristianos, 1991.
- _____. **Patrologia: La Edad de oro de la Literatura Patrística Latina**. Madrid: La Editorial Católica, 1986.
- QUEVEDO, Luís González-. A Última Ceia no seu contexto judaico. In **Revista de espiritualidade Inaciana**. Setembro, 2005.
- RATZINGER, Joseph. **Introdução ao espírito da Liturgia**. Lisboa: Paulinas, 2001.
- _____. **Introdução ao cristianismo**. São Paulo: Herder, 1970.
- RATZINGER, J. MESSORI, V. **A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga**. São Paulo: E.U.P., 1985.

RAHNER, Karl. La teologia pratica nel complesso delle discipline teologiche. In: **Nuovi Saggi III**. Edizioni Paoline, 1969.

SCHNITZLER, Theodor. **As Orações Eucarísticas e os novos prefácios** – Liturgia e catequese. São Paulo: Paulinas, 1970.

THURIAN, M. La Théologie des Noevelles Prières Eucharistiques. In: **La Maison-Dieu**, n. 94, 1968. p. 95.

VAGAGGINI, Cipriano, **Il senso teologico della liturgia**, 5ª ed., Roma, 1968.

_____. **Discurso inaugural do Pontifício Instituto de Liturgia de Roma – PIL**, no Ateneu Santo Anselmo de Roma.

SARTORE, D; TRIACCA, A. **Dicionário de Liturgia**. Edições Paulinas: São Paulo, 1992.

NOTAS

* Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (Teologia Litúrgica) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), o projeto de pesquisa gravita em torno da teologia das Orações Eucarísticas. Mestrando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Graduado em filosofia (IFITEPS), pedagogia (UNIRIO) e graduando-se em Ciências Sociais (UFF). Contato: semvanderson@hotmail.com.

¹O termo - Oração Eucarística - é sinônimo da palavra grega - *anaphorá*, que quer dizer: trazer sobre, oferecer, elevar. Na liturgia, inicialmente designava o pão da oferta, para os sírios indicava o véu que após a consagração cobria o cálice e a patena. Sua utilização nos escritos eclesiásticos remonta a Adai e Mari; de s. Basílio (início do séc. IV); Clementina (séc. IV-V). Cf. VVAA. **Dicionário de Liturgia**. Edições Paulinas: São Paulo, 1992. Pequeno vocabulário Litúrgico, verbete: Anáfora, p. 1252. No texto monográfico usaremos os termos: Oração Eucarística, Anáfora e Prece Eucarística, como sinônimo.

² *Memento* da Prece Eucarística símile na Anáfora de Hipólito e na II Oração Eucarística.

³ SI 133/134, 1. **Bíblia de Jerusalém**: antigo e novo testamento. São Paulo: Paulus, 2002. Todas as citações deste trabalho monográfico serão da referida tradução de Jerusalém.

⁴ O *Officium Divinum* renovado foi promulgado por Paulo VI, com a Constituição Apostólica *Laudis Canticum* de 1 de novembro de 1970. Augé afirma que “[...] a Liturgia das Horas, sendo oração pública e comunitária do povo de Deus, faz parte do mistério da Igreja e é uma manifestação e expressão especial: ‘O louvor da Igreja não é reservado, nem por sua origem, nem por sua natureza, aos clérigos e aos monges, mas pertence a toda a comunidade cristã’ [...] Somente a Liturgia das Horas manifesta plenamente toda a Igreja orante como tal e a sua permanência constante na oração, e somente ela a realiza da forma mais espontânea [...]. Esta oração é a mesma que a Igreja considera como sua por um título especial, isto é, como Corpo Místico total de Cristo”. Augé, Matias. **Liturgia** – história, celebração, teologia e espiritualidade. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 1996. p. 265. Não se olvide que a celebração da Liturgia das Horas prepara e prorroga no tempo-kairótico o Mistério Pascal, desta teologia do *Opus Dei* que se afirma a íntima ligação entre a Liturgia das Horas e a Celebração Eucarística. Para uma melhor compreensão da teologia e história da Liturgia das Horas: BECKHÄUSER, Alberto. **O Sentido da Liturgia das Horas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

⁵Até o Concílio Vaticano II, a liturgia Romana, possuía apenas um único formulário, era conveniente denominá-lo de 'Cânon Romano', visto que, sendo este, a única expressão possível da Oração Eucarística, denominava-se *canon*: regra, norma.

⁶ O Concílio Tridentino na Sessão XXII, celebrada no dia 17 de setembro de 1562, afirma a natureza sacrificial da Celebração Eucarística, uma preclara concordância com a universal Tradição da Igreja, sendo novamente proclamado hodiernamente na celebração do II Concílio Vaticano, expressando-se assim: “O nosso Salvador na última Ceia instituiu o sacrifício eucarístico do seu Corpo e Sangue para perpetuar o sacrifício da cruz através dos séculos até a sua volta, e para confiar à Igreja, sua esposa muito amada, o memorial de sua morte e ressurreição” (Cf. SC, 47; LG 3 e 28; PO 2,4 e 5). Ainda a IGMR, no n. 2,

assevera: “Assim, no novo Missal a regra da oração da Igreja corresponde à regra perene da fé, que nos ensina a identidade, exceto quanto ao modo de oferecer; entre o sacrifício da cruz e sua renovação sacramental na Missa, que o Cristo Senhor instituiu na última Ceia e mandou os Apóstolos fazerem em sua memória. Por conseguinte Missa simultaneamente sacrifício de louvor, de ação de graças, de propiciação e de satisfação”. Cf. ainda o n. 72 da IGMR.

⁷ JUNGSMANN, J. A. *Missarum Sollemnia*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 197.

⁸ O movimento profético apresenta-nos alguns textos que mostram a necessidade de comer a Palavra de Deus, o exemplo mais enfático é do profeta Amós: “Eis, virão dias – diz o Senhor Deus – durante os quais mandarei a fome na terra, não fome de pão, nem sede de água, mas sede de escutar a palavra do Senhor” (Am 8,11).

⁹ Afirma Matias Augé: “As leituras estão em íntima relação com a ação sacramental, participam da plenitude da realidade (de presença real do mistério), que é própria do mistério eucarístico. Portanto o *hodie* da liturgia da palavra encontra a sua plenitude de conteúdo no mistério de Cristo sacramentalmente presente na Eucaristia.” Cf. AUGÉ, op. cit., p. 139. Ainda acerca do *hodie* na liturgia, afirma a Abadessa Madre Paula Iglésias: “[...] a atualização sacramental do Mistério celebrado no rito litúrgico, no curso do qual a obra da Revelação de Deus em Cristo nos é tornada presente para que dela participemos de forma imediata e viva. É o Hoje da Liturgia que nos insere no Mistério de Cristo revelado nas Escrituras. É o mesmo Hoje pronunciado outrora por Cristo na sinagoga de Nazaré que tem a sua repercussão no ‘hoje litúrgico da Igreja’”. IGLÉSIAS, Paula. *Uma Lectio Divina*: na Bíblia, na História de Israel, na Liturgia. Juiz de Fora: Edições Subiaco, 2010. p. 123.

¹⁰ Assim relata-nos Justino: “Este alimento mesmo se chama entre nós Eucaristia, da qual ninguém pode participar, a não ser que creia serem verdadeiros nossos ensinamentos e tenha se lavado no banho que traz a remissão dos pecados e a regeneração”. JUSTINO. *Apologia I* 66.

¹¹ Augé, afirma que “[...] na Igreja antiga teria sido inconcebível que a participação ao corpo eucarístico de Cristo, ápice da iniciação e da incorporação à Igreja, fosse dada a quem ainda não tivesse sido marcado pelo selo do Espírito”. AUGÉ, op. cit., p. 117. Ainda que no plano pastoral, consigamos explicar a alteração da tríade sacramental de iniciação cristã, deslocando a estrutura para – batismo, eucaristia e por fim crisma. No plano teológico, contudo, os sacramentos devem ser vistos na perspectiva cristológica, mantendo a ordem sacramental tal qual Cristo realizou. A perspectiva pedagógico-pastoral não pode impor-se a práxis patrística e a teologia sacramental, sendo o batizado-crismado verdadeiro liturgo, exercendo o sacerdócio comum dos fiéis. É evidente que participar da Eucaristia antes de receber o sacramento da confirmação é uma ‘anomalia’, como diz Augé.

¹² Cf. SC 10; LG 11; CD 30; AG 9; UR 15; PO 5, 14.

¹³ Cf. AUGÉ, op. cit., p. 160.

¹⁴ Aquiles Triacca, no verbete - Espírito Santo - do Dicionário de Liturgia, na p. 363, afirma que “Se a celebração litúrgica não for sinal do Espírito, ela nada será. Com efeito, a verdadeira essência da ação litúrgica consiste em ser-epifania-do-Espírito Santo. Ora, o Espírito, por meio da Escritura, foi *iconógrafo*, isto é, operou no hagiógrafo a revelação do ícone do Pai, que é Jesus Cristo (cf. 2Cor 4,4; Cl 1,15). Em Maria, ele foi *iconoplasta*, ou seja, é plasmador do próprio ícone (do Verbo). Na ação litúrgica, ele simultaneamente *iconógrafo*, *iconoplasta* e *iconóforo*, isto é, portador do ícone do Pai presencializado e vivificado”. Portanto, o Espírito Santo - plasma, porta e escreve o ícone da Trindade no orante da prece litúrgica. Segundo, Triacca, a ação litúrgica pela epítese do Espírito Santo é apofática, no sentido de contemplar o Mistério, sem racionalizá-lo com o excesso discurso teológico.

¹⁵ Para tanto, basta-nos perscrutar a teologia do Novo Testamento e a posterior teologia dos santos padres acerca da compreensão da Eucaristia como memorial do sacrifício de Jesus. Esta teologia sacrificial pode ser encontrada: na Didaché 14, 3; Justino, Diálogo com Trifon 41, 2; 117, 13, bem como, Hipólito, Tradição Apostólica 4. Cf. PADOIN, Giacinto. *O Pão que eu darei*. O sacramento da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1999.

¹⁶ “A Eucaristia é um memorial análogo, que foi deixado por Jesus para a sua Igreja. Ele diz respeito à sua própria pessoa, à sua morte e à sua passagem para a vida nova, que é fonte de redenção para todos os homens”. Cf. PADOIN, op. cit., p. 223.

¹⁷ O termo *mysterion*, é empregado no Novo Testamento, e deve ser visto sobre o fundo de seu emprego na cultura grega e na apocalíptica judaica, respectivamente querem exprimir: uma reação a uma experiência

que foge do pensamento discursivo, que não se pode formular com palavras, enquanto, na apocalíptica fala-se em uma variedade de 'mistérios' - são a origem da realidade oculta, transcendente a tudo que é e acontece especialmente daquilo que será revelado no 'fim dos tempos'. O que caracteriza seu emprego neotestamentário, é a concentração no evento crístico, esta virada lexical e semântica dá-se em Paulo em sua carta aos Colossenses, onde diz: "[...] o mistério divino, que é Cristo". (Cl 2,2).

¹⁸Esta *anamnese* litúrgica do mistério pascal-ascensional-pentecostal pode ser verificada nos textos da Prece Eucarística. Assim, a Oração Eucarística I reza: "Celebrando, pois a memória (anamnese) da paixão do vosso Filho, da sua ressurreição dentre os mortos e gloriosa ascensão aos céus [...]". Também a Oração II, diz: "Celebrando, pois a memória (anamnese) da morte e ressurreição do vosso Filho [...]". Ainda a III Oração proclama: "Celebrando agora, ó Pai, a memória (anamnese) do vosso Filho, da sua paixão que nos salva, da sua gloriosa ressurreição e da sua ascensão ao céu [...]" e a IV Oração reza: "Celebrando agora, ó Pai, a memória (anamnese) da nossa redenção, anunciamos a morte do Cristo e sua descida entre os mortos, proclamamos a sua ressurreição e ascensão à vossa direita [...]".

¹⁹ PADOIN, op. cit., p. 224.

²⁰ IRINEU, Ad. Her. 4, 18,5.

²¹A Instrução Geral sobre o Missal Romano - IGMR, no n. 147, busca manter e disciplinar as intervenções da assembléia litúrgica durante a proclamação da Oração Eucarística, costume antiquíssimo que remonta ao período apostólico e patrístico, instruindo: "O povo por sua vez, se associe ao Sacerdote na fé e no silêncio e por intervenções previstas no decurso da Oração Eucarística, que são as respostas no diálogo do Prefácio, o Santo, a aclamação após a consagração, e a aclamação 'amém', após a doxologia final [...]".

²²Para exemplificar a afirmação de que a Anáfora Eucarística em sua estrutura recorda-nos da *Historia Salutis*, veja-se: a Prece Eucarística I diz: "Recebei, ó Pai, esta oferenda, como recebestes a oferta de Abel, o sacrifício de Abraão e os dons de Melquisedeque". A IV Prece Eucarística reza: "[...] criastes o homem à vossa imagem e lhe confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu criador [...]", "E, quando pela desobediência perderam a vossa amizade [...]", continua a Prece, "E, ainda mais, oferecestes muitas vezes aliança aos homens e os instruístes pelos profetas na esperança da salvação". Tendo esta história salvífica o ápice em Cristo, diz a Prece: "E de tal modo, Pai santo, amastes o mundo que, chegada à plenitude dos tempos, nos enviastes vosso próprio Filho para ser o nosso Salvador".

²³Cf. PADOIN, op. cit., p. 277.

²⁴Poder-se-ia agrupar os relatos Bíblicos em dois grupos de elementos comuns: Paulo e Lucas - filão redacional paulino, Marcos e Mateus - filão redacional petrino. Cf. PADOIN. Op. cit., p. 26.

²⁵Cf. Mt 26, 26 onde o evangelista escreve: "Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos [...]". A perícopes marqueana diz: "Enquanto comiam, ele tomou um pão, abençoou, partiu-o e lhes deu, dizendo [...]" (cf. Mc 14, 22), ainda o texto lucano, corrobora esta estrutura ao relatar: "E tomou um pão, deu graças, partiu e deu-o a eles, dizendo [...]" (cf. Lc 22, 19). Por fim, a literatura paulina apresenta-nos a mesma estrutura, a saber: "[...] o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse [...]" (cf. 1Cor 11, 23-24). Contudo, a carta aos Coríntios deixa implícita o "distribuir" o pão e o vinho.

²⁶A tradução do latim - "cordeiro de Deus". Sua origem deriva da palavra de João Batista - cf. Jo 1, 29-36; Ap 5,6; 13, 8. Na assembléia litúrgica, durante a fração do pão, canta ou recita-se, o texto atual remonta ao papa siríaco Sérgio I (687-701). Cf. **Liber Pontificalis** I, 376.

²⁷BALTHASAR, Hans Urs von. El misterio pascual. In: **Mysterium Salutis**. Fundamentos de la dogmática como historia de la salvación 3/1. Madrid, 1969 p. 288.

²⁸ Próspero de Aquitânia numa célebre fórmula: *Legem credenti statuat lex supplicandi*, atribuindo a liturgia um valor regulador em matéria de fé. A utilização deste critério é devedor da antiguidade patrística, representada pela *Didaqué*, e continuada nos textos que se referem à disciplina e organização das comunidades proto-cristãs, como a *Traditio Apostolica* de Hipólito de Roma. Os santos padres que se utilizam desta teoria pode-se citar: Orígenes, Tertuliano, Cipriano, Ireneu e Basílio. "Um elemento litúrgico sobre o qual se apoiam fortemente os Santos Padres, a começar por Orígenes, são as interrogações sobre a fé que precede o batismo, em vista do mistério da Trindade; isto vale também para outras fórmulas litúrgicas, como as doxologias e as anáforas eucarísticas". PELLEGRINO, Michele. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. Verbete: Liturgia e Padres,

p.835.

²⁹Dom Lambert Beauduin, OSB (1873-1960), monge na abadia de Mont-César, um dos pioneiros do movimento litúrgico, as suas principais obras litúrgicas: *Essai de manuel fondamental de liturgie* (1912-1921) – nesta, Beauduin, realizou um autêntico tratado teológico sobre a liturgia, sobre o culto da Igreja e a Trindade como objeto do culto. *La piété de l'Église* (1914), obra considerada como uma declaração pública do movimento litúrgico, como observa Rousseau em seu livro - *Histoire du mouvement liturgique. Esquisse historique depuis le début du XIX jusq'au pontifical de Pie X*. Paris, 1945, *Lex Orandi* 3, p. 227.

³⁰BEAUDUIN, Lambert. *Essai de Manuel fondamental de liturgie*. In: **Quest. Lit. III**, 1913. p. 272-275.

³¹Ser-nos-ia, necessário explicitar que outras perícopes neotestamentários falam do Pai, do Filho e do Espírito Santo, contudo sem nomeá-los lado a lado como o faz a perícopa mateana. Cf. SCHNEIDER, Theodor. **Manual de Dogmática**. v. II. Editora Vozes: Petrópolis. 2001. p. 436-437.

³²A origem do Credo remonta a liturgia batismal de Jerusalém, o Concílio de Calcedônia realizado no ano de 451, considerou um resumo da fé proposta pelos concílios de Nicéia (325) e o de Constantinopla I (381). Contudo seu uso na liturgia Eucarística deve ser buscado em Constantinopla na primeira metade do século VI. Segundo a visão de Matias Augé, com a introdução do Credo na liturgia romana no século XI, este perde sua origem de controvérsia, com as heresias cristológico-trinitárias, passando a assumir um significado de fervorosa resposta á Palavra de Deus anteriormente proclamada. Cf. AUGÉ, M. *Op. cit.* p. 152-153.

³³Justino de Roma, no século I, em sua *Apologia I*, descreve a temática trinitária da *Oração sobre o pão e o vinho*: “Terminada a oração, nos damos mutuamente ^{um ósculo}. Depois são oferecidos àquele que preside aos irmãos pão e uma vasilha com água e vinho; pegando-os, ele louva e glorifica ao Pai do universo através do nome de seu Filho e do Espírito Santo, e pronuncia uma longa ação de graças, por ter-nos concedido esses dons que dele provêm”. JUSTINO. *Apologia I* 65.

³⁴Irineu de Lião, no ano 202 d.C., em sua obra - *Contra os hereges III* 17,1.

³⁵Tertuliano no ano 220 em sua obra - **Adversus Praxeam** 26,9.

³⁶Hipólito de Roma entre o ano 215-225 na sua obra - *Traditio Apostolica* 16,20.

³⁷CAVALCANTE, J. **A Santíssima Trindade e a Igreja na Liturgia**. Uberlândia: Editora A Partilha, 2008.

³⁸Com o léxico – ‘trinitófora’ (palavra composta por trindade +portar) - quero expressar a idéia de que as Anáforas, bem como, as orações litúrgicas são: portadoras, exprimem, afirmam o Mistério do Deus Uno-Trino.

³⁹A tradução do latim: “[...] te louvamos e glorificamos, pelo teu Filho Jesus Cristo, pelo qual a ti a glória e a honra, ao Pai e ao Filho, com o Espírito Santo na tua santa Igreja, agora e pelos séculos dos séculos. Amém”. HIPÓLITO, *Traditio Apostolica*. 16, 19.

⁴⁰Ibid. 48, 5

⁴¹O monarquianismo modalista, também denominado de sabelianismo, tem como principais mentores: Noeto, Práxeas e Sabélio, ambos do século I. A heresia do arianismo dará lugar à primeira definição solene da Igreja sobre a trindade. Assim seu mentor foi Ário, presbítero de Alexandria, nascido por volta de 260, sua doutrina em suma considerava Cristo uma criatura, ainda que privilegiada, mas criatura, negando-lhe a condição divina. Buscava assim Ário, afirmar a unicidade de Deus, visto que se Cristo fosse Deus, o monoteísmo judaico-cristão estaria comprometido. Ainda o conceito de geração em Cristo parecia-lhe trazer uma perda ou diminuição no Pai, algo inaceitável. Se expressa Ária em uma carta dirigida ao Bispo de Alexandria: “[...] O Filho saiu do Pai fora do tempo, criado e constituído antes dos séculos; não existia antes de nascer, senão que, nascido fora do tempo antes de todas as coisas, ele recebe o ser só do Pai [...] Mas não é eterno, nem co-eterno, nem incriado juntamente com o Pai [...]”. HILÁRIO de Poitiers. **Tratado sobre a Santíssima Trindade IV**, 12-13.

⁴²“Os texto litúrgicos postos juntos das citações bíblicas, patrísticas e do magistério, adquirem o caráter das clássicas vozes de autoridade, nas quais se apoia o raciocínio teológico. Portanto reconhece-se implicitamente à liturgia a capacidade de se auto definir”. Cf. PINELL, J. **I testi liturgici di autorità nella SC**. *Costituzione liturgica Sacrosantum Concilium*. Studi a cura della Congregazione per il Culto Divino. Roma, BEL 38 1986. p. 324. O *modus* teológico dos primeiros séculos possuía uma preocupação

eminentemente bíblica, sem desvincular da liturgia e no diálogo com as correntes teológicas da época. Este processo foi a posteriori muito valorizado pelo movimento bíblico, patrístico, ecumênico, litúrgico e eclesiológico, culminando no Concílio Vaticano II.

⁴³Como exemplo da atividade teológico-pastoral dos santos padres, citar-se-á, Ireneu que busca na circunvizinha fé judaica a referência às duas mãos de Javé, com as quais formou a criação. Bem como Tertuliano, que se opondo a tri-idade entendida meramente em termos econômicos-salvíficos dos modalistas, afirma uma “tri-idade imanente de Deus”. Daí resulta a clássica fórmula: *una substantia – tres personae*, antecipando as definições magisteriais posteriores.

⁴⁴Em sua obra intitulada - *Mysterium Paschale*, o grande teólogo alemão, Hans Urs von Balthasar, busca uma nova imagem do Deus Uno-Trino, esta é perpassada pela chave de leitura do conceito grego ‘kenoses’. Para o autor, a relação intra-trinitária é por essência quenótica, visto que, há um esvaziamento eterno na Trindade. Esta quenose Trinitária, para von Balthasar, constitui “[...] a pessoa do Pai e, ao mesmo tempo, do Filho e a do Espírito Santo” *Mysterium Paschale*, p. 10. A Encarnação de Cristo para Balthasar, continua sendo o expoente deste esvaziamento trinitário, como assevera a teologia neotestamentária. No entanto, o teólogo alemão, transborda a tradicional teologia paulina da carta aos Filipenses (Fl 2,6-11) às demais Pessoas da Trindade. Na verdade, von Balthasar, mais do que aplicar à Trindade o conceito de ‘esvaziamento’, faz deste, a essência e o caminho teológico para adentrar no mistério da Trindade, contemplando o Mistério do Cristo.

⁴⁵Buscando uma explicitação do termo – *opus redemptionis*, ser-nos-ia indispensável debruçar-se sobre os textos eucológicos da própria liturgia e nesta, encontra-se: “*quoties huius commemoratio celebratur, opus nostrae redemptionis exercitur*” (toda vez que celebramos este memorial do sacrifício do Senhor, realiza-se a obra de nossa salvação). Assim, a liturgia torna-se - escola - da fé e da práxis, a explicitação da teologia da Redenção, justificação e sacramentologia, encontra na liturgia sua *lex celebrandi*.

⁴⁶“É igualmente por obra do Espírito Santo que toda ação litúrgica manifesta e realiza a presença de Cristo e que a 'memória' do mistério salvífico não se limita a ser simplesmente uma piedosa recordação, mas é de fato 'anamnese' histórico-salvífico. Impõe-se, assim, a necessidade do estudo da presença e da ação do Espírito Santo na liturgia”. VVAA, op. cit., p. 359. verbete: Espírito Santo.

⁴⁷ Oração de Coleta da Quarta-feira de Cinzas – início do Tempo Quaresmal. Cf. MR

⁴⁸ Oração das Vésperas do Ofício dos fiéis defuntos – Liturgia das Horas. Cf. LH

⁴⁹ Fórmula da absolvição – Rito da Penitência. Cf. MR

⁵⁰ Cf. Hb 8, 6.

⁵¹ Rm 8, 27.

⁵²A estrutura da liturgia e da doxo-adoração da práxis cristã: cf. VAGAGGINI, Cipriano. **II senso teologico della liturgia**, 5ª ed., Roma, 1968.

⁵³ MARSILI, Salvatore. **A liturgia**: momento histórico da salvação. São Paulo: Paulus, 1986.

⁵⁴AUDET, J. P. Esquisse historique du genre littéraire de la “bénédiction” juive et de l'eucharistie chrétienne. In: **Revue Biblique**. Nº 65, 1958. p. 371-399.

⁵⁵ Audet enfatiza a origem judaico-cristã das orações, especificadamente na época anterior a década de 70 do século I, e, junto com isso, o respectivo gênero literário destas orações enquadram-se muito mais num louvor pelas *mirabilia Dei* realizadas em favor do Povo do que um gênero de “ação de graças”. Segundo Audet, o termo *eucaristia* deve ser compreendido no sentido de *eulogia*.

⁵⁶ Cf. DANIELOU, Jean. **Théologie du judéo-Christianisme**. Paris: [?]. 1958. p. 389-393.

⁵⁷ A principal obra de J. B. Thibaut que defende esta hipótese é: **La liturgie Romaine**. No capítulo I denominado de *La liturgie primitive et le grand hallel*, Thibaut apresenta neste capítulo a dependência estreita entre as formas litúrgicas primitivas e o *hallel* judaico. Hodiernamente os autores rejeitam esta hipótese de uma dependência estreita, corroboram antes uma continuidade de acentos e de modelo de inspiração.

⁵⁸Cf. VVAA. **Dicionário de Liturgia**. Edições Paulinas: São Paulo, 1992. p. 938. Verbetes: Prece Eucarística.

⁵⁹Para um maior aprofundamento da relação: ‘última Ceia’ e a ceia judaica, o artigo: QUEVEDO, Luís

González-. A Última Ceia no seu contexto judaico. In: **Revista de espiritualidade Inaciana**. Setembro 2005. Bem como a magistral obra de Jungmann: JUNGSMANN, op. cit. Principalmente o I volume, a Parte I – A forma da Missa ao longo dos séculos.

⁶⁰Segundo os especialistas a última Ceia teria acontecido no dia 6 de abril do ano 30 d. C.

⁶¹O *birkat há mazon* é um texto tripartido, composto de três estrofes: uma curta estrofe de bênção, que tem por objeto o alimento que Deus proporciona ao povo de Israel; uma ampla ação de graças, que tem por objeto a terra fértil e desejada que Deus deu a Israel (agradecimento que se manifesta, lembrando a história da salvação, desde o Egito até a ceia recentemente consumada); e uma estrofe de súplica pela sobrevivência de Israel, por Jerusalém, pela dinastia de Davi, pelo Templo”. Cf. AUGÉ, op. cit., p. 161.

⁶²IGMR, usaremos este sigla no texto sempre que nos referirmos a Instrução Geral sobre o Missal Romano.

⁶³ Para termos uma ideia das *berakah* recitadas na época de Jesus buscar-se-á na Mishnah – uma compilação dos fins do século II, a forma de oração de bênção: “Bendito sejas, Senhor Nosso Deus, rei eterno, Tu que alimentas o mundo [...], e ainda, “Te damos graças, Senhor, pois deixaste em herança aos nossos pais uma terra vasta [...] e porque nos tiraste, Senhor, Nosso Deus, da terra do Egito, libertaste da casa da escravidão, assim como pela aliança que selastes na nossa carne [...]”. Observar-se-á uma similitude com a forma literária de nossas Orações Eucarísticas.

⁶⁴JEREMIAS, Joaquim. Os ditos da última ceia. In: **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 411-416.

⁶⁵MARSILI, Salvatore. **Sinais do Mistério de Cristo**. Teologia dos sacramentos, espiritualidade e ano litúrgico. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 359.

⁶⁶ Até a metade do século passado, os historiadores só podiam ler dele poucos textos, fragmentos na maior parte. Mas depois um inventário mais apurado dos manuscritos gregos e orientais fez descobrir um importante número de suas obras. Existem também várias obras que não trazem seu nome, mas que lhe foram atribuídas pelos historiadores modernos sem provas suficientes. Pode-se dividir sua produção biográfica em dois distintos grupos, a saber: o das obras atestadas como sendo de Hipólito, que denominaremos de A, e o grupo de ‘Elenchos’, e as obras atribuídas a Hipólito, denominado de grupo B. O grupo A: Sobre o Gênesis, Sobre as bênçãos de Jacó, Sobre as bênçãos de Balaão, Sobre os Juízes, Sobre Rute, Sobre os livros de Samuel, Sobre os Salmos, Sobre os Provérbios, Sobre o Eclesiastes, Sobre o Cântico dos Cânticos, Sobre partes de Ezequiel, Sobre Daniel, Sobre Mateus, Sobre Apocalipse, Sobre Cristo e o Anticristo, Sobre a ressurreição, Sobre a Páscoa, Syntagma contra todas as heresias. O grupo B, este os historiadores modernos atribuíram a Hipólito uma enorme quantidade de obras que não trazem seu nome. Muitas destas atribuições estão hoje abandonadas, mas há ainda alguns que encontram crédito, trata-se do Elenchos contra todas as heresias. Neste grupo B: Elenchos contra todas as heresias, Sobre a causa do universo, A Crônica, As obras gravadas sobre a estátua da Biblioteca do Vaticano. Cf. NAUTIN, Pierre. Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002. Verbete: Hipólito, p. 679. Para Prinzevalli, “o trabalho crítico realizado até agora, em consequência da tese de Nautin, ainda não chegou a resultados definitivos. Ao lado de diferenças significativas de estilo, língua e conteúdo teológico entre os dois blocos (a saber, A e B) em que se divide o *corpus* hipolitano, há obras ou fragmentos cuja colocação continua incerta, como a *Traditio Apostolica*, Sobre os Salmos (ambas presentes no cartólogo da estátua) ou como o *Adversus Caium*. [...] Provavelmente a gênese do *corpus* hipolitano que, por causa do êxito do autor no Oriente, se enriqueceu de muitíssimos fragmentos para os quais é árduo estabelecer a autenticidade, é bem mais complexa do que a própria hipótese dos dois blocos distintos de obras deixa entrever”. PRINZIVALLI, Emanuela. Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs. Petrópolis: Vozes, 2002. Verbete: Hipólito (estátua), p. 683.

⁶⁷Hipólito (215-225), sacerdote de Roma, quando o papa Calixto mitigou a disciplina para os penitentes que haviam sido culpados de pecado mortal, o austero Hipólito o reprova, pois, segundo o mesmo, o papa Calixto separava-se da disciplina e da tradição da Igreja primitiva. Acusou o papa de heresia e ser discípulo de Sabélio, separando-se da Igreja com alguns companheiros. Foi eleito bispo de Roma por um círculo reduzido, contudo influente, convertendo-se no primeiro antipapa da história do cristianismo. Mesmo quando Urbano (223-230) e Ponciano (230-235), sucederam o papa Calixto, Hipólito permaneceu cismático e antipapa até que Maximino desterrou a ambos: Ponciano e Hipólito, na Sardenha onde ambos reconciliaram-se. Ponciano renunciou ao pontificado no dia 28 de setembro do ano 235. Hipólito parece que retornou ao seio da Igreja antes ou depois de ter sido exilado de Roma. A Igreja reunida elegeu

Anteros (235-236). Ponciano e Hipólito morreram pouco depois, o papa Fabiano (236-250) fez transladar os corpos de Ponciano e Hipólito a Roma, onde foram solenemente inumados, o papa ponciano na cripta papal de São Calixto e Hipólito no cemitério da via Tiburtina. Os funerais celebraram-se no mesmo dia, a saber, 13 de agosto de 236/37, dia litúrgico de sua memória no calendário Romano. A lista mais antiga de mártires, a *Depositio martyrum*, do ano 237, diz: “*Ypoliti in Tiburtina et Pontiani in Callisti*”. O papa Dâmaso decorou a tumba de Hipólito, onde afirma que este era discípulo de Novaciano, porém, morreu mártir, depois de aconselhar aos seus seguidores a reconciliarem com a Igreja. Sua obra: “escrita em grego com o título 'Paradosis Apostolike', representa a primeira obra litúrgica que se refere aos aspectos mais importantes da liturgia usada em Roma entre os séc. II e III. A importância da obra desse sacerdote romano, que era tão famoso pela sua ciência teológica que Orígenes partiu de Alexandria para ouvi-lo.” cf. MARSILI, op. cit., p. 298.

⁶⁸ No Epílogo de sua obra Hipólito refere-se ao motivo pelo qual se deve observar o que está escrito ao dizer: “Aconselho aos sábios que observem isto. Porque, se todos prestam ouvidos a Tradição Apostólica e a guardam, nenhum herege os induzirá ao erro”.

⁶⁹ Esta informação de Hipólito está em paralelo à Didaché, no capítulo 9-10, além de Justino, em sua obra Apologia I, capítulos 65-67.

⁷⁰ “[...] o testemunho da Tradição Apostólica, atribuída a Hipólito: nesse caso, durante a celebração eucarística dominical, realiza-se a ordenação de um bispo, de presbíteros e diáconos”. Cf. AUGÉ, op. cit., p. 289.

⁷¹ QUASTEN, Johannes. **Patrologia I**. Hasta el concílio de Nicea. Madrid: Biblioteca dos Autores Cristianos, 1991. p. 493.

⁷² A tradução do latim: “O Senhor esteja convosco [...] corações ao alto [...] demos graças ao Senhor”, continua sendo utilizada pelo Rito Romano. A introdução à Prece Eucarística é ainda hoje, realizada pelo mesmo diálogo que nos é relatado por Hipólito já no séc. II-III, diz a IGMR, no n. 78: “Inicia-se agora a Oração Eucarística, centro e ápice de toda a celebração, prece de ação de graças e santificação. O sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em nome de toda a comunidade”. Este diálogo tem um sentido de resposta aclamativa - “Na liturgia há várias formas de *resposta*: a *akklamation* (a aclamação), a qual no antigo sistema jurídico tinha um significado de grande importância. A aclamação como forma de resposta confirma a chegada da Palavra, a qual completa o processo da Revelação, ou seja, da auto-oblação de Deus no Verbo. Aqui entra o *âmen*, o *aleluia*, [diálogo: *Dominus vobiscum.*] *Et cum spiritu tuo*, etc [*Sursum corda*]”. RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Espírito da Liturgia**. Lisboa: Paulinas, 2001. p. 153.

⁷³ Para melhor entender a história do desenvolvimento dos textos eucológicos-anafóricos, dividir-se-á em duas etapas, a saber: o primeiro período vai dos séculos I-III ao IV da improvisação eucológica, da criatividade, liberdade e da proliferação de vários ritos; o segundo o período que compreende os séculos III-IV ao VI-VII, o da profícua produção de textos eucológicos. Sendo a *Traditio Apostólica* o primeiro documento de cunho jurídico no que tange a liturgia, Hipólito após apresentar no capítulo IV uma anáfora eucarística, no capítulo IX, assevera que “o bispo renda graças de acordo com o que dissemos acima. Mas não é absolutamente necessário que profira as mesmas palavras que referimos, como se tivesse de se esforçar por tê-las na memória, quando está realizando a ação de graças a Deus. É preferível que cada um ore de acordo com sua capacidade. Se algum consegue orar por muito tempo e de modo solene, muito bem. Se outro, quando ora, faz uma oração breve, não seja impedido, contanto que a oração seja correta e conforme a ortodoxia”. Esta frase final de Hipólito de Roma “[...] que seja correta e conforme a ortodoxia” fez com que se determinasse a fixação das fórmulas anafóricas da Eucaristia. Para uma melhor compreensão da história da fixação dos textos anafóricos conferir a obra: MARTIMORT, A. G. **A Igreja em oração**: Introdução à Liturgia. Singeverga: Desclée e cia, 1965.

⁷⁴ Um exemplo destes elementos tradicionais é o núcleo das palavras de consagração, relatados nas perícopes neotestamentárias da instituição da Eucaristia: Mt 26, 20-29; Mc 14, 17-25; Lc 22, 14-20 e 1Cor 11, 23-26. Ainda que com pequenas variantes sejam comum às várias tradições, tanto a Tradição sírio-ocidental e galiano-hispânica, bem como a alexandrina e romana (cânone). Cf. BOUYER, L. **Eucaristia**. Teologia e spiritualità della preghiera eucaristica. Torino: Editrice Elle Di Ci, 1983.

⁷⁵ “Já no século II, e ao longo dos séculos III e IV, o processo de estruturação da missa foi tornando-se mais claro e elaborado, e ela passou a ter a seguinte articulação: a reunião dos cristãos sob a égide de um

presidente, a liturgia da Palavra, a liturgia eucarística.” PADOIN, op. cit., p. 224.

⁷⁶ Afirma Maria Grazia Bianco que “o formulário de Hipólito de Roma reconhece ao bispo a faculdade de usar o texto como modelo, não como formulário obrigatório, portanto, com liberdade. Da metade do século IV até o fim do séc. VII são fixados os formulários do Oriente e do Ocidente: antioquena, com duas formas diferentes em grego, a siro-oriental e a siro-ocidental, atestadas pela pregação de João Crisóstomo, de Teodoro de Mopsuéstia, pela *Didascália dos Apóstolos* (séc. III), pelas Constituições Apostólicas [...]; egípcia, atestada por Clemente Alexandrino, Orígenes, Atanásio, Cirilo Alexandrino, pelo Sacramentário de Serapião (séc. IV); romana, testemunhada desde o fim do séc. IV e contida nos Sacramentários leoniano, gelasiano antigo, gregoriano, no *Liber Pontificalia*; ambrosiana; mozarábica; galicana, da qual encontramos indícios em Cesário de Arles e em Gregório de Tours”. BIANCO, M. G. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002. Verbete: liturgia, p. 844.

⁷⁷ Padoin, op. cit., p. 223.

⁷⁸ Contudo, já em 1903, o Papa Pio X, em seu Moto próprio *Tra le sollecitudini* revelava a preocupação por “[...] uma participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja”. Segundo Augé, esta afirmação do Papa Pio X estabelece os fundamentos para o início da fase pastoral do Movimento Litúrgico, assim, Beaudiuin assume esta afirmação papal como o lema de seus estudos acerca da relação liturgia-pastoral. “Esta reforma piana fez a Igreja sair de uma situação de imobilismo que durava havia séculos [...]”. FLORES, Juan Javier. **Introdução à Teologia Litúrgica**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 289.

⁷⁹ O Papa João XXIII na Encíclica *Ad Petri cathedram*, no n. 6 afirma que finalidade principal do Concílio “[...] é a de promover o desenvolvimento da fé católica, renovar a vida cristã dos fiéis e adaptar a disciplina eclesial ao nosso tempo”.

⁸⁰ A Constituição *Sacrosanctum Concilium* foi aprovada na aula conciliar do dia 14 de Dezembro de 1963, sendo o primeiro documento promulgado. A maior contribuição foi situar a liturgia no contexto da Revelação, como *Historia Salutis*, “[...] obra da salvação, continuada pela Igreja, que se realiza na liturgia (SC 6). Desta forma a liturgia se apresenta como verdadeira ‘tradição’, ou seja, transmissão do mistério salvífico de Cristo através de um rito, de uma forma sempre nova e adequada à sucessão dos tempos e à diversidade de lugares”. Cf. Augé, Op. cit. p. 61. Foram cinco os critérios hermenêuticos que nortearam o esquema conciliar da Liturgia: 1. Máxima fidelidade à tradição da Igreja; 2. Limitação do texto aos princípios gerais da reforma; 3. Normas práticas e rubricas, surgidas todas dos princípios doutrinários; 4. Necessidade da formação litúrgica do clero e 5. A promoção da participação dos fiéis. Cf. FLORES, op. cit. p. 294.

⁸¹ O desejo de mudança do texto anafórico do Cânon Romano já existia antes da celebração do Concílio Vaticano II como afirma Schnitzler ao dizer que “[...] já em 1963, Hans Küng propôs uma notável abreviação do texto do Cânon Romano, publicada em *Wort und Wahrheit*. Em 1965, Karl Amon sugeriu abertamente, no *Liturgisches Jahrbuch* outra simplificação e modificação do Cânon Romano”. SCHNITZLER, Theodor. **As Orações Eucarísticas e os Novos Prefácios – Liturgia e Catequese**. São Paulo: Paulinas, 1970.

⁸² O então cardeal Ratzinger, criticava esta concepção de ver o Concílio sob a ótica da descontinuidade, para Ratzinger, o Concílio Vaticano II, inseria-se na grande corrente da Tradição, assim defende uma hermenêutica da continuidade, visto que a Igreja ao celebrar um Concílio não interrompe a Tradição dos anteriores, bem como as definições magisteriais. Não há outra Igreja, ou outra Tradição após um Concílio, mas uma mesma fé, uma mesma Igreja. Para Ratzinger “É preciso opor-se decididamente a esse esquematismo de um antes e de um depois na história da Igreja, totalmente injustificado pelos próprios documentos do Vaticano II, que outra coisa não fazem senão reafirmar a continuidade do catolicismo. Não existe uma Igreja ‘pré’ ou ‘pós’ conciliar: existe uma só e única Igreja, que caminha rumo ao Senhor, aprofundando sempre mais e compreendendo sempre melhor a bagagem da fé que Ele mesmo lhe confiou. Nessa história não existem saltos, não existem rupturas, não há solução de continuidade. O Concílio de modo algum pretendia introduzir uma divisão no tempo da Igreja”. RATZINGER, J. MESSORI, V. **A Fé em Crise?** O cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: E.U.P., 1985. p. 21.

⁸³Cf. VVAA. op. cit., p. 940. Grande contribuição para esta tomada de decisão por parte do Magistério deve-se a contribuição de Cipriano Vagaggini, em sua obra: *Il canone della messa*. OR: Milão, 1968.

⁸⁴ BOUYER, op. cit. p. 451.

⁸⁵ VVAA. **Dicionário de Liturgia**, p. 941.

⁸⁶ VVAA. **Dicionário de Liturgia**, p. 941.

⁸⁷ O Missal Romano propõe três aclamações dos fiéis após o “*Mystérium fidei*”, a saber: “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, Vinde, Senhor Jesus!”, ou ainda “Todas vezes que se come deste pão e se bebe deste cálice, se recorda a paixão de Jesus Cristo e se fica esperando a sua volta” e por fim, “Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição”.

⁸⁸ Ainda que particularmente não nos pareça adequada à nomenclatura de Padoin acerca da definição da II Oração Eucarística como ‘Cânion II do Missal Romano’, esta é ainda utilizada por alguns liturgistas, contudo, seu uso é inadequado, visto que, com o acréscimo de novas Preces no Missal, nem mesmo a Oração Eucarística I pode mais ser denominada de Cânion, pois *canon* evoca o sentido de uma única possibilidade de Prece. Antes da reforma litúrgica esta nomenclatura era viável, pois só existia uma única Anáfora.